

Domingo, 27 de novembro de 2022

Copa do Mundo: Seleção vai unir o Brasil que a política separou?

Nessas eleições presidenciais, consideradas uma das mais polarizadas da história do Brasil, como já se sabe, ambientes familiares e círculos sociais serviram de campo de batalha para a divisão política. A maioria das famílias teve algum conflito motivado pela disputa nas urnas entre Lula e Jair Bolsonaro. Pessoas bloqueadas, gente saindo de grupo se tornaram o “novo normal” das eleições. Porém, a Seleção Brasileira está mais forte do que nunca neste mundial. E a pergunta é: será que os jogos vão unir o que a política separou?

Vamos fazer uma breve recapitulação do histórico da seleção brasileira de futebol com a política. Há 50 anos, a exibição do Brasil na estreia da Copa do Mundo de 1970 consagrava a marca universal do país do futebol, mas, ao mesmo tempo, uma das seleções mais encantadoras de todos os tempos também contribuía para a normalização do período mais repressor e sangüinário da ditadura militar.

Naquele tempo, futebol e política estavam intimamente ligados. Quando o general Emílio Garrastazu Médici ascendeu ao poder, em outubro de 1969, a seleção era comandada pelo jornalista e notório militante comunista João Saldanha. A dois meses da Copa, porém, ele foi dispensado do cargo, acusando o Governo de ter pedido sua cabeça devido ao posicionamento contrário ao regime militar. “Era difícil tolerar um cara com longa trajetória no Partido Comunista Brasileiro ganhando força, debaixo da bochecha deles”, justificaria Saldanha.

A sociedade, de forma geral, espera que os atletas se manifestem politicamente em defesa dos direitos de minorias e em prol de uma realidade mais justa e menos desigual? Para o doutor em Ciências da Comunicação, José Carlos Marques, isso não ocorre em função da grande hierarquização que existe no esporte, com o peso e a pressão dos dirigentes, patrocinadores, torcedores e entidades.

Contudo, ele destaca que já tivemos alguns personagens que assumiram esse papel recentemente, como os jogadores da seleção brasileira Richarlison, Paulinho, e até mesmo a rainha do futebol, Marta. O pesquisador acrescenta que a função desse posicionamento dos atletas não seria o de influenciar a visão política das pessoas: “Acho que a contribuição, neste

caso, tem a ver com a visibilidade e a repercussão que o esporte pode dar a questões e temas para além do próprio esporte e que são de interesse social.”

Para além do futebol e observando a perspectiva histórica, ocorreram muitos momentos em que as práticas esportivas foram diretamente influenciadas pelos contextos políticos locais. Tanto competidores, quanto integrantes das torcidas já se utilizaram da visibilidade dos jogos para carregar mensagens políticas: os atletas ajoelhados antes do início dos jogos da NBA e das provas de Fórmula 1, em alusão ao movimento “Black Lives Matter”, em 2020; ou durante os Jogos Olímpicos de 1968, na Cidade do México, quando atletas ergueram os punhos na cerimônia do pódio, em referência ao movimento racial norte-americano.

É importante ressaltar que mesmo durante a Copa do Mundo o clima de tensão política ainda não acabou no Brasil. O presidente Jair Bolsonaro (PL) recebeu os comandantes das Forças Armadas na última quinta-feira (24) no Palácio da Alvorada, um dia depois de o chefe do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), ministro Alexandre de Moraes, rejeitar a ação do partido do mandatário que contestava o resultado da eleição. General da reserva e candidato a vice no pleito deste ano, Braga Netto também esteve na reunião. O encontro ocorre no momento em que bolsonaristas cobram as Forças Armadas para que promovam um golpe que impeça a posse do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

A seleção brasileira de futebol, por mais carismática e talentosa que seja, não vai conseguir sozinha unir por completo aquilo que os conflitos políticos separaram. Mas uma coisa ela vai fazer: trazer de volta o sentimento, mesmo que temporário, de união entre o nosso povo, lembrar para o mundo que somos e pretendemos continuar sendo reconhecidos pela nossa alegria, resgatar para toda uma nação um dos nossos grandes símbolos, o da camisa, e lembrar que é nas nossas diferenças que encontramos também as nossas semelhanças e a nossa união. O clima de festividade da Copa pode servir para lembrar que nós somos muito maiores do que um projeto político que trouxe morte e caos para tantas famílias da nossa nação.